

# Os vídeos didáticos no contexto da educação *online* na era da cibercultura: desafios e possibilidades

## *The teaching videos in the context of online education in the cyberculture era: challenges and possibilities*

### *Los videos educativos en el contexto de la educación en línea en la era de la cibercultura: desafíos y oportunidades*

Joaquim Sérgio Borgato<sup>1</sup>

Maria Cristina Lima Paniago<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/serie-estudos.v23i47.1115>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo discutir os desafios e possibilidades dos vídeos didáticos no contexto da educação online. É um recorte de uma pesquisa de doutoramento em Educação e traz uma discussão teórica sobre Educação *online*, formação de professores, vídeos didáticos e suas linguagens e potencialidades. Os resultados da pesquisa indicam que os professores entendem o vídeo didático como um dos materiais didáticos que mais se identificam com a Educação *online*, porém sentem-se despreparados e frustrados com o resultado de seus vídeos, buscando vencer suas próprias limitações em cursos de formação continuada. Entendemos que o vídeo didático no contexto da Educação *online* impõe certos desafios aos professores e alunos em sua produção e apropriação. Há indicações, por meio das pesquisas, da necessidade da formação de professores tanto para o desenvolvimento como para o uso de vídeos didáticos, incorporando o conceito da interatividade. A Educação *online* na era da cibercultura avança em questões no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), que vão além das técnicas e das tecnologias considerando o ser humano como um agente capaz de refletir de forma crítica o seu papel da sociedade.

**Palavras-chave:** vídeo didático; educação online; formação de professor.

**Abstract:** This paper aims to discuss the challenges and possibilities of didactic videos in the context of online education. It is a part of a doctoral research in Education and brings a theoretical discussion

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

about Online education, teacher training, didactic videos and their languages and potentialities. The results of the research indicate that the teachers understand the didactic video as one of the teaching materials that most identifies with the Online education, but they feel unprepared and frustrated with the result of their videos seeking to overcome their own limitations in continuing education courses. We understand that video education in the context of Online Education imposes certain challenges on teachers and students in their production and appropriation. There are indications, through research, of the need for teacher training both for the development and for the use of didactic videos, incorporating the concept of interactivity. Online education in the era of cyberculture advances in questions in the use of Digital Information and Communication Technologies (TDIC) that go beyond the techniques and technologies considering the human being as an agent capable of critically reflecting its role of society.

**Keywords:** didactic video; online education; teacher training.

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo discutir los desafíos y posibilidades de los vídeos didácticos en el contexto de la Educación en línea. Es un recorte de una investigación de doctorado en Educación y trae una discusión teórica sobre Educación en línea, formación de profesores, videos didácticos y sus lenguajes y potencialidades. Los resultados de la investigación indican que los profesores entienden el vídeo didáctico como uno de los materiales didácticos que más se identifica con la Educación en línea, pero se sienten despreparados y frustrados con el resultado de sus videos buscando vencer sus propias limitaciones en cursos de formación continuada. Entendemos que el video didáctico en el contexto de la Educación en línea impone ciertos desafíos a los profesores y alumnos en su producción y apropiación. Hay indicaciones, por medio de las encuestas, la necesidad de la formación de profesores tanto para el desarrollo y para el uso de videos didácticos, incorporando el concepto de la interactividad. La Educación en línea en la era de la cibercultura avanza en cuestiones en el uso de las Tecnologías Digitales de Información y Comunicación (TDIC) que van más allá de las técnicas y de las tecnologías considerando al ser humano como un agente capaz de reflejar de forma crítica su papel de la sociedad.

**Palabras clave:** vídeo didáctico; educación en línea; formación de profesor.

## 1 EDUCAÇÃO ONLINE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A concepção que os professores têm de Educação *online* é importante para definir caminhos a serem trilhados para questões como: formação de professores, materiais didáticos, tecnologias, metodologias e pedagogias a serem apropriadas por todos.

A concepção de Educação *online* passa pelas questões das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) principalmente pela sua possibilidade em promover interação e interatividade na relação entre educadores e educandos. É uma relação de ensino-aprendizagem mediatizada pelas TDIC interligadas em rede, a internet. Tanto na educação presencial quanto *online*, a mediatização com tecnologias se faz presente; o que em parte as diferencia é a intensidade de sua

utilização num determinado espaço/tempo. Na educação presencial, as tecnologias, tais como retroprojetor, projetor de slides com a utilização de computador, vídeos, computadores interligados em rede telemática, áudios, são utilizadas como apoio ao processo de ensino-aprendizagem. Na Educação *online*, as mídias interligadas em rede são os meios pelos quais os processos de ensino-aprendizagem acontecem, as mídias passam a ter maior protagonismo.

Entendemos que a concepção de Educação *online* passa primeiramente pela questão da admissibilidade da existência dessa modalidade de educação como fato nesse início do século XXI e passa por questões pedagógicas, tecnológicas, de linguagem, estética e ética capazes de proporcionar aos professores condições de exercerem sua profissão com competência e conscientes de seu papel na sociedade, o que prioriza o respeito a si, ao próximo e à sociedade.

Um dos atuais desafios das políticas públicas na área da educação no Brasil é repensar a formação de professores para a Educação *online* na era da cibercultura. Pressupõe-se um olhar mais atento para com o professor levando em consideração sua trajetória de vida, e Almeida (2002) reforça a ideia de investir na formação dos professores levando em consideração seu histórico de formação e anseios por novas aprendizagens. Para Ferrés (2013, p. 90), “[...] nem os profissionais da educação nem os profissionais da comunicação estão adequadamente treinados na educação em mídia”<sup>3</sup>. O autor chega à seguinte conclusão:

Urge incorporar a educação de mídia em todos os ambientes de educação formal ou informal onde não está presente. E naqueles em que está presente há a necessidade urgente de rever a sua abordagem, enfatizando prioridade no papel das emoções em processos mentais da pessoa que interage com as telas<sup>4</sup>. (FERRÉS, 2013, p. 100).

Verificamos nas palavras de Ferrés (2013) uma preocupação com as questões emocionais quando se envolvem questões como educação e as interações midiáticas junto às novas gerações.

---

<sup>3</sup> No original: “[...]ni los profesionales de la educación ni los de comunicación reciben una formación adecuada en relación con la educación mediática”.

<sup>4</sup> No original: “Urge incorporar la educación mediática en todos aquellos entornos de la educación formal o informal en los que no está presente. Y en aquellos em los que está presente urge revisar sus planteamientos, poniendo el acento de manera prioritaria en el papel que juegan las emociones en los procesos mentales de la persona que interacciona con las pantallas”.

Para Lopes (2009, p. 4), “Essas práticas precisam ser bem trabalhadas, refletidas e, até mesmo, vividas pelos professores. Mas, quando trazemos à tona a problemática da formação de professores, nos questionamos: quem forma o professor que atua a distância? Quais as particularidades exigidas para essa prática?”. Outro autor que faz esse questionamento é Silva (2010, p. 38) ao discutir a formação de professores para o século XXI e afirma:

A formação dos professores para docência presencial ou *online* precisará, então, contemplar a cibercultura. A contribuição da educação para a inclusão do aprendiz na cibercultura exige um aprendizado prévio do professor. Uma vez que não basta convidar a um *site* para se promover inclusão na cibercultura, ele precisará se dar conta de pelo menos quatro exigências da cibercultura oportunamente favoráveis à educação cidadã.

As quatro exigências apontadas por Silva (2010) são: (1) O professor precisará se dar conta de que transitamos da mídia clássica para a mídia *online*; (2) O professor precisará se dar conta do hipertexto, próprio da tecnologia digital; (3) O professor precisará se dar conta da interatividade enquanto mudança fundamental do esquema clássico da comunicação; (4) O professor precisará se dar conta de que pode potencializar a comunicação e a aprendizagem utilizando interfaces da *internet*.

As exigências não são uma receita pronta a serem seguidas sem questionamentos. Há de se considerar as questões referentes aos subsídios que o professor deva ter para desenvolver tais ações, condições que o ajudem a desenvolver seu trabalho docente no contexto da cibercultura. Outros autores, como Barreto, discutem o trabalho docente e apontam outras questões, tais como:

(1) as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) como elo entre ‘globalização’ e trabalho docente; (2) o modo de inserção dessas tecnologias na chamada ‘sociedade da informação’; (3) a materialização discursiva de tal inserção; (4) as consequências da redução das tecnologias a estratégias de educação a distância, destacando o apartheid educacional produzido; (5) a relação-chave entre tecnologias e competências; e (6) as tendências detectadas no contexto atual: a formação baseada em competências, a ênfase nos materiais instrucionais e a desterritorialização da escola, bem como as propostas contra-hegemônicas. (BARRETO, 2004, p. 1181)

Podemos observar, em Lopes (2009), Silva (2010) e Barreto (2004), a preocupação com a formação do professor para a Educação *online*, a qual é bem

complexa e carece de condições necessárias para que se desenvolva com qualidade, principalmente sob políticas públicas favoráveis à formação continuada de professores.

A Educação *online* que acontece no ciberespaço na era da cibercultura propicia aos professores e alunos maior interatividade por meio das mídias síncronas e assíncronas possibilitando a ambos uma prática de colaboração e cooperação. Para tanto, faz-se necessário uma quebra de paradigma própria da educação tradicional, onde o professor é o detentor da verdade e o aluno é mero receptor de conhecimento. Na educação *online*, o papel do professor, antes de tudo, é de um mediador, de alguém que dialoga com seus alunos numa posição mais horizontal possível respeitando e promovendo a ação do conhecimento num processo de coautoria.

Os princípios da cibercultura nos possibilitam repensar a pedagogia que leve em conta a interatividade na sua verdadeira acepção da palavra. Para Silva (1998, p. 29), a interatividade está na “disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bidirecionalidade - fusão emissão-recepção -, para participação e intervenção”. Portanto não é apenas um ato de troca, nem se limita à interação digital. Interatividade é “[...] a abertura para mais e mais comunicação, mais e mais trocas, mais e mais participação. É a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressivamente complexo [...], atentando para as interações existentes e promovendo mais e melhores interações”. O autor completa, “[...] seja entre usuário e tecnologias comunicacionais (hipertextuais ou não), seja nas relações (presenciais ou virtuais) entre seres humanos” (SILVA, 1999, p. 155).

Podemos dizer que a cibercultura se faz em hiperlinks. Ela se constrói na troca de conhecimento, de experiências vivenciadas pelos participantes, nem por isso, o papel do professor torna-se menos importante. Silva (2000) ainda reforça que a interatividade é um conceito de comunicação e não de informática. E ao se pronunciar sobre o papel do professor, Silva (2000, p. 9) complementa dizendo que:

O professor disponibiliza um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos alunos. Ele garante a possibilidade de significações livres e plurais e, sem perder de vista a coerência com sua opção crítica embutida na proposição, coloca-se aberto a ampliações, a modificações vindas da parte dos alunos.

A pouca ou nenhuma relação de proximidade física de professor/alunos na educação *online* tem provocado certo desconforto nos professores e alunos, pois, algumas vezes, esse distanciamento também é entendido de maneira equivocada por alguns como um distanciamento de mediação, contrário à concepção de uma educação *online* que prioriza uma prática dialógica, colaborativa e participativa entre seus partícipes. Acreditamos que a mediação pode e deve se dar independentemente do contato físico, mas a partir do contato interpessoal o qual pode se realizar nas trocas online também.

A relação mediada pelas TDIC exige de ambas as partes uma nova postura epistemológica capaz de vencer a aparente barreira nas outras formas de comunicar no processo de ensino-aprendizagem que não sejam físicas.

As aulas presenciais no caso da Educação *online* são substituídas por aulas mediadas por artefatos tecnológicos que permitem a interatividade como bate-papo, webconferência, fórum, vídeos etc. A webconferência é uma das formas que mais se aproxima do clima de uma sala de aula presencial, onde numa ponta (na sede) está o professor interligado com os alunos (no polo), por meio da *internet*, utilizando, na maioria das vezes, o *Skype* (aplicativo de conversação com vídeo pela *internet*). Um dos problemas dessa forma de comunicação/aula é a infraestrutura tecnológica de telecomunicações no Brasil, onde não há *internet* de alta velocidade necessária para essa atividade, principalmente nas pequenas cidades do interior onde os polos estão localizados.

Se, por um lado, a webconferência encontra dificuldades para ser realizada no Brasil em virtude de problemas de conexão via *internet*, os vídeos didáticos, podem, de alguma forma, suprir essa lacuna por estarem disponíveis em um repositório para ser acessado a qualquer hora de qualquer lugar.

Talvez uma grande questão seja como os professores da educação online podem desenvolver e se apropriar do vídeo didático, no sentido de somar à prática educativa papéis que propiciem mais interações, colaborações, negociações e produção de diferentes conhecimentos.

## **2 AS LINGUAGENS E A ELABORAÇÃO DE VÍDEOS DIDÁTICOS NA/PARA A EDUCAÇÃO ONLINE**

A justaposição de duas linguagens, áudio e imagem, estimulam dois sentidos humanos, a audição e a visão. Para Coutinho (2006, p. 16) “Estes são os sentidos

mais privilegiados no mundo moderno, pois uma das características da modernidade é o fato de permitir certo afastamento das pessoas do chamado mundo natural ou natureza”. E acrescenta, “Audiovisual é técnica e tecnologia. O cinema e a televisão são técnicas audiovisuais que reúnem máquinas capazes de capturar, o que na vida real é efêmero e fugidio, em imagens e sons” (COUTINHO, 2006, p. 56).

Cabe-nos, então, refletir sobre a importância do audiovisual quando aplicado no processo de ensino-aprendizagem da Educação *online*, Cunha (2015, p. 70) discute a importância dos materiais visuais na educação e aponta,

Analfabetos visuais, cegos, distraídos, admirados ou arrebatados pelo universo visual, temos dificuldades em manufaturar, criar, compor, manusear imagens e expressar pensamentos, emoções, conceitos utilizando a linguagem visual. São inúmeras as causas para a pouca experiência que temos em utilizar imagens como meio para veicular ideias, mas uma delas é o entendimento de que a forma mais adequada para expressar pensamentos e argumentações teóricas é a palavra, escrita ou falada.

E acrescenta Cunha (2015, p. 70),

Nota-se que há uma hierarquização entre as duas linguagens: a escrita porta o ‘conhecimento, o saber e a verdade’, e as imagens, muitas vezes, servem para expressar sentimentos e, quando muito, como ‘prova’ de um acontecimento, um registro que ‘ilustra’, ‘comprova’ e enaltece a veracidade do que é escrito.

Por essa exposição, observamos que a introdução da linguagem audiovisual a ser apropriada por professores da Educação *online*, num trabalho conjunto com os profissionais de produção audiovisual, pode levá-los à realização de seus vídeos com mais propriedade, trazendo à tona potencialidades ainda não desveladas. Para Jacquinet-Delaunay (2006, p. 22):

A era do ostracismo face às imagens foi abalada. A predominância do impresso como meio de comunicação fez da análise abstrata e racional a prioridade das prioridades para a educação e a cultura. O aspecto global e imediato da experiência visual, assim como a sua presença massiva e a sua aparente simplicidade, enganara-nos. A imagem não é pobre nem elementar; ela é-o pela falta de imaginação dos seus criadores e pela atitude reducionista dos seus criadores e pela atitude reducionista dos seus utilizadores .

A autora aponta a emergência em nos alfabetizarmos na linguagem visual e expressa a importância desta no mundo contemporâneo, permeado pelas TDIC interligadas pelas redes telemáticas.

Afinal, como afirma Cruz (2007, p. 27):

Usar as mídias como ferramentas pedagógicas significa ‘mediatizar’ as mensagens educativas, ou seja, adequar e traduzir o conteúdo educacional de acordo com as ‘regras da arte’, as características técnicas e as peculiaridades do discurso do meio técnico escolhido.

Lembremos que, desde a pré-história, o homem procura registrar em imagens aquilo que vê e observa numa tentativa de estabelecer uma comunicação com o outro sem a sua presença. Do Egito antigo com seus hieróglifos às narrativas visuais pintadas nas igrejas católicas na Idade Média, até chegarmos aos dias atuais, dispomos de várias tecnologias de produção de som e imagem capazes de proporcionarem novas experiências cognitivas e sensoriais. Cunha (2015, p. 70) afirma que, “Mudaram os suportes, as tecnologias, as formas de visualização e o modo de nos posicionarmos em relação às imagens; porém, as pedagogias visuais formulam conhecimentos”.

Moore e Kearsley (2013) destacam que o vídeo tem um poder muito forte de ilustração e prende a atenção, quando bem estruturado e elaborado. Ferrés (1998) aponta que o vídeo cria uma hiperestimulação sensorial, afinal, o movimento possui um grande poder de atração. A linguagem audiovisual possui vários recursos expressivos que, se utilizados de forma adequada, podem ser usados intencionalmente para fins didáticos, como por exemplo, o uso de animação gráfica em 3D (três dimensões), a cor, o cenário (natural ou artificial).

Gomes (2008, p. 482) aponta a necessidade de adjuntos ao termo vídeo para diferenciá-los uns dos outros:

Quanto ao produto para fins escolares, temos alguns termos concorrentes: vídeo educativo, vídeo didático, vídeo instrucional, vídeo educacional. Esses nomes são, muitas vezes, utilizados como sinônimos, mas deixam entrever conceitos subliminares: ser educativo e/ou educacional é diferente de ser instrucional. *Educativo*, ou *educacional*, parece mais uma questão de escolha e preferência, uma vez que ambos são adjetivos equivalentes relacionados à amplitude do termo educação, enquanto o termo instrucional sugere treinamento e a ausência de diálogo e de interação.

E completa Gomes (2008, p. 482):

O termo ‘didático’ define sua especificidade e finalidade, e parece ser o termo preferível, quando nos referirmos a um material feito especificamente para apoio das atividades didáticas, embora saibamos que, a rigor, qualquer vídeo

pode ser utilizado para esse fim. O termo didático parece subentender que alguma ação será realizada com ele ou a partir dele.

É com este termo/conceito, vídeo didático, que tratamos o percurso da escrita deste artigo por entender que seja o mais adequado ao que acreditamos: o protagonismo possível a partir dele.

Sendo assim, o conhecimento técnico também torna-se importante para a realização de vídeos educativos para a Educação *online* com qualidade de som, imagem e conteúdo didático. Outra questão que consideramos importante observar está na relação entre o professor e os materiais pedagógicos na Educação *online*, como observa Cruz (2007, p. 24):

Até os anos de 1990, as mídias utilizadas como meios de transmissão dos cursos da EAD eram o material impresso, a televisão e o vídeo, e os processos de produção passavam pelas mãos de profissionais especializados, estando os docentes muito mais preocupados com conteúdo do que com formatos. No entanto, as mídias digitais e a possibilidade de interatividade em ambientes virtuais de aprendizagem trouxeram novas maneiras de produzir os cursos a distância. As características das mídias da cibercultura permitem que usuários experientes produzam, publiquem, transmitam, gerenciem livremente cursos e disciplinas na *internet*, eliminando uma boa parte do trabalho de profissionais, próprios da era industrial, dos livros e dos meios de comunicação de massa.

Segundo Silva (2006, p. 3), há transições da linguagem ao longo do tempo e suas implicações: “A transição oral para a escrita, a transição da escrita para a imprensa e as transições em direção às mídias visuais tiveram e têm um profundo impacto no nosso conhecimento, memória, cognição e nos espaços, nos quais se produz e consome cultura”. Poderíamos, então, questionar como se dá a aprendizagem nesse contexto intitulado digital.

### **3 APRENDIZAGEM E VÍDEO DIDÁTICO DIGITAL**

A aprendizagem é um grande desafio no mundo virtual e passa por várias questões, tais como conseguir a atenção por parte do aprendiz.

Sobre a atenção no espaço virtual, destaca-se que o esforço para ter a atenção foi redobrado na contemporaneidade. Além disso, a atenção é flexível e, por ser abstrata, está tendencialmente voltada ao visual. A imagem é muito forte, e a virtualidade transformou o texto em imagem: não só em imagens coloridas, mas a própria forma do texto foi convertida em imagem pelas

possibilidades do hipertexto e pelas demais ferramentas da tecnologia, que são inúmeras. (AMARAL; BARROS, s.d., p. 21).

Com o desenvolvimento das TDIC, nas últimas três décadas, foi possível chegarmos a equipamentos que, no primeiro momento, tinham funções únicas, tais como a câmera fotográfica digital, o gravador de voz digital, a filmadora digital, o telefone celular, e, então, chegamos a um equipamento no qual todas as tecnologias (mídias) se convergem, o *smartphone*. O *smartphone* é hoje um computador capaz de processar imagens, sons, textos, de estar conectado à *Internet* e, dessa forma, pode estar em todos os lugares (em que você estiver conectado) com acesso a todo tipo de informação e interação (ubiquidade). Com esses parâmetros, como pensar o ensino-aprendizagem na modalidade *online* nos dias atuais? Silva (2006, p. 4) entende que:

Do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem, não só o que se ensina está em mudança devido ao uso da *Internet*, mas também a forma como se ensina está a transformar-se. Os espaços de aprendizagem também se localizam para além das instituições tradicionais e dos media, mas não deixam de ser lugares de aprendizagem.

O mundo virtual tem possibilitado a ampliação dos espaços de aprendizagem que vão além do presencial das instituições tradicionais, ao possibilitar novas experiências de compartilhamento de informação que possa ser transformada em conhecimento. Novos lugares, novas relações, novas possibilidades de produzir e compartilhar fazem parte do mundo da cibercultura.

Imagem, som e texto no mundo virtual não passam de bits e bytes, ou seja, uma combinação numérica de 0 e 1, sendo assim, um arquivo digital de vídeo, como tal, pode ser reeditado quantas vezes se deseje, num eterno processo de resignificação da mensagem de uma maneira considerada fácil para quem tem um pouco de conhecimento das técnicas e das tecnologias de edição de vídeo, hoje disponibilizadas até mesmo gratuitamente. O vídeo em formato digital é um arquivo (pode ser em várias extensões que variam de acordo com a qualidade de imagem e som) e, para ser realizado, passa pelo processo de criação, roteirização, de captura de imagem e som e depois editado com alguns dos muitos aplicativos de edição de vídeos (profissionais ou amadores) que estão à disposição na *internet* para ser comprado ou baixados gratuitamente (exemplo de programa amador gratuito: *Windows Movie Maker* da Microsoft).

Para tanto, Machado (1993, p. 180), afirma que, na tecnologia digital, “A pluralidade significativa é dada como dispositivo material: o sujeito não apenas interpreta mais ou menos livremente, como também organiza e estrutura, ao nível mesmo da produção”. O vídeo realizado com equipamentos digitais, como por exemplo dos *smartphones*, pode ser um grande aliado no processo de ensino-aprendizagem tanto para as aulas presenciais como *online*.

O vídeo didático realizado digitalmente de forma compartilhada entre professores e alunos pode consentir aos envolvidos no processo possibilidades de troca de conhecimento de conteúdo, de tecnologias e técnicas. Para que isto ocorra, Cruz (2007, p. 29-30) aponta que:

Os ‘modos de aprendizagem mediatizada’ se constituem num novo campo interdisciplinar da pedagogia que propõe a utilização cada vez maior das mídias na escola, aproximando professores audiovisuais. Isso teria como consequência, por um lado, capacitar tecnicamente professores e alunos (em termos de equipamentos e linguagem) para que conseguissem produzir seus próprios materiais midiáticos e, por outro lado, capacitá-los a saber como descobrir e utilizar outros materiais produzidos nas mais diversas fontes. E alunos das etapas de produção, distribuição e utilização dos produtos.

O vídeo didático, por exemplo, objeto de estudo deste artigo, sendo digital, pode levar o aluno a fazer intervenções no material realizado e disponibilizado pelos professores, ou encontrados disponíveis na internet, e depois compartilhar com todos os outros membros de seu grupo que, por sua vez, podem fazer novas intervenções e continuar o processo de ressignificação e compartilhamento. O vídeo nesse caso deixa de ser algo único, hermético, produzido pelo professor, algo intocável, para ser assistido de forma passiva pelos alunos. Silva (2006, p. 8) conclui que, “Na rede, aprender é descobrir significados, elaborar novas sínteses e criar elos (nós e ligações) entre parte e todo, unidade e diversidade, razão e emoção, individual e global, relacionados com a realidade”. Para tanto, trabalhar em equipe para a produção de vídeo didático solicita dos envolvidos no processo de sua realização, professores, alunos e profissionais do audiovisual, múltiplos conhecimento que envolvem aspectos da pedagogia, da linguagem audiovisual, das técnicas e tecnologias

## **4 ELABORAÇÃO DE VÍDEOS DIDÁTICOS NA/PARA A EDUCAÇÃO ONLINE E SEUS PARTICIPANTES**

Não é sempre que os professores recebem formação para a produção de aulas em formato de vídeo, ou quando recebem, nem sempre é o suficiente para que tenham mais autonomia no processo de criação e vinculação com o currículo. E ainda, não existe a formação de uma equipe multidisciplinar que congregue professores, profissionais do audiovisual e alunos para pensar, criar, planejar as aulas levando em consideração os aspectos da interatividade. A interatividade, no caso do vídeo didático, aqui é entendida como a possibilidade de alunos e professores produzirem, coproduzirem, compartilharem seus vídeos no ambiente virtual de aprendizagem e/ou no ciberespaço como um todo (livre para ser acessado por qualquer pessoa).

Retomando a questão da inserção do professor na Educação *online*, onde as mudanças são mais radicais na prática pedagógica, Kenski (2001, p. 78) aponta que:

Este novo professor que circula livremente no meio ‘digital’ encontra ali um espaço educacional radicalmente diferente. Compreende que sua ação docente neste novo ambiente não requer apenas uma mudança metodológica, mas uma mudança de percepção do que é ensinar e aprender.

Ensinar e aprender na modalidade da Educação *online* provoca naqueles que nela se inserem muitos questionamentos, que vão desde a forma de como se apresentar e se posicionar virtualmente no ciberespaço (desmaterializado) até a consciência de existir virtualmente, tão forte quanto existir fisicamente. Essa fase de transposição de realidade/virtualidade não ocorre de forma linear e igual para todos, depende em parte da disposição e condições em conquistar novos conhecimentos que proporcionem novas reflexões sobre estar virtualmente no processo de ensino-aprendizagem.

Na Educação *online*, não há uma ruptura com os modelos tradicionais na utilização de materiais didáticos, livros impressos, apostilas impressas, lousa e giz, lousa digital e vídeos; o que há é uma outra possibilidade de abordagem na realização e prática de alguns desses materiais, como o vídeo didático.

O vídeo didático na Educação *online* em geral é realizado pelos próprios professores junto a uma equipe multidisciplinar envolvendo designers e comunicadores sociais (esses vídeos podem ser gravados e ou transmitidos ao vivo via webconferência), e também há casos de professores autodidatas em audiovisual que realizam seus próprios vídeos de forma independente. Como o vídeo possui

uma linguagem própria, o professor e/ou o aluno, precisam conhecê-la, para então, apropriarem-se à sua prática pedagógica.

A realização de um vídeo didático para ser concretizado precisa passar por três fases: (a) de pré-produção, que envolve roteirização; (b) de produção, que envolve gravação; e (c) de pós-produção ou finalização, que envolve a edição do vídeo.

Na Educação *online*, o professor precisa encontrar apoio e ação institucional que lhe permitam, por meio de formação continuada, apropriar-se de novos conhecimentos no campo do audiovisual que o leve a realizar seus vídeos.

A realização de vídeo didático para ser disponibilizado *on demand* na plataforma *Moodle*, ou em outro tipo de plataforma, é apenas um dos desafios em que os professores da Educação *online* podem encontrar dificuldade, além da dificuldade na participação dos vídeos a serem gerados ao vivo por meio das webconferências.

Nas instituições de ensino superior que investem em Educação *online*, em quase sua maioria, há um centro de produção audiovisual que dá suporte aos professores na realização de seus vídeos, enquanto algumas instituições preferem terceirizar esse serviço ou até mesmo comprar material pronto, algo que pode ser problemático quando pensamos na tão necessária autoria dos professores. Vejamos os dados do relatório do censo da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED, 2015, p. 55) com relação à produção audiovisual para a Educação *online*.

A produção de conteúdo em áudio e vídeo também foi enfaticamente baseada na elaboração autônoma de materiais dessa espécie. No entanto a terceirização de etapas da produção e encomenda de recursos também se fez presente. Quanto aos conteúdos gratuitos, 10%-24 % das instituições indicaram acessá-las. A adoção de conteúdos produzidos de forma autônoma foi enfatizada pelas instituições que ofertaram cursos livres não corporativos (59,48%), enquanto a compra de materiais foi mais praticada por estabelecimentos que ofereceram cursos regulamentados totalmente a distância - 27,77% das instituições terceirizaram etapas da produção e compraram recursos sob encomenda e com supervisão.

Esses dados apresentados pela ABED (2015) nos permitem observar que a produção audiovisual para a Educação *online* é diversificada e mista. Algumas instituições investem em produção própria, e outras em adquirir material pronto

e disponibilizado pelo mercado de produção de material didático, bem como acessam a vídeos disponíveis gratuitamente na internet.

Os profissionais da produção audiovisual que dão suporte para a produção dos vídeos são o Radialista e o *Designer*. O profissional formado em comunicação social com habilitação em Radialismo (RTV) é preparado, durante a sua formação acadêmica, para produzir programas de rádio e televisão, incluindo: técnicas de criação e roteiro, direção, produção, iluminação, sonorização, edição de imagem e som, pós-produção utilizando computadores e seus respectivos softwares. Já o profissional de *Design* tem o domínio da linguagem visual, cores, formas, texturas, elaboração de cenário real e virtual, videografismo (animação gráfica e sonora), projeto de identidade visual, *layout*, com a utilização de computadores e softwares gráficos e videográficos.

Com a união desses profissionais, pode-se formar uma equipe de produção de material didático digital junto com os professores/tutores e alunos. Nesse caso, temos a união dos conhecimentos pedagógicos e comunicacionais capazes de propor e realizar vídeos, levando em consideração as potencialidades de cada um de seus partícipes. Dessa forma, repensar o currículo e a linguagem a ser utilizada sem deixar de incluir, além dos professores, os alunos como parte do processo de cocriação é muito importante.

No entanto uma das possibilidades mais utilizadas pelas instituições são os vídeos didáticos, aulas produzidas geralmente em um estúdio próprio, com tratamento acústico, iluminação profissional, microfones, câmeras de vídeos, tripé, cenário real e ou virtual, computadores com programas de edição e pós-produção, profissionais da comunicação social e *design*. É nesse contexto que intensificamos nossas observações e pesquisas, porque entendemos ser este o ambiente mais 'estranho' que um professor encontra para realizar suas aulas sem uma formação prévia para tal.

A realização de um vídeo didático necessita de suporte que envolve infraestrutura predial adequada, tecnologia de audiovisual e profissionais especializados para que o professor produza suas aulas. As universidades brasileiras que oferecem cursos *online*, em geral possuem estúdio de audiovisual que dão suporte aos professores, mas esta não é a única forma de o professor conceber e apropriar-se da linguagem do vídeo didático para suas aulas. Com o tempo, alguma experiência e aprendizado, poderão produzir de forma independente seus próprios vídeos com equipamentos próprios. Para tanto, necessitará de alguns equipamentos para

captura da imagem/som (filmadora ou *smarthopne* com câmera embutida), um computador com programas de edição de vídeo.

## **5 TRABALHANDO COM A IMAGEM: AULA, VIDA E MUNDO**

Existem vários aplicativos e softwares gratuitos de edição de vídeo, tais como: *Windows Movie Maker*, *Shotclip*, entre outros que podem ser facilmente encontrados na *internet*, além de muitos vídeos tutoriais ensinando como utilizar esses programas, na maioria das vezes, realizados por pessoas leigas que aprendem a utilizá-los e depois compartilham o seu aprendizado. Trabalhar a imagem no mundo contemporâneo tornou-se relevante pela sua própria dinâmica impulsionada pelas TDIC interligadas em rede. Nesse sentido, no caso do professor, segundo Coutinho (2006, p. 67):

Penso que essa é a experiência mais estimulante de um educador. Conhecemos e expressamos o mundo pela forma como o narramos. Hoje, imagens narram o mundo. Imagens paradas são cuidadosamente postas para serem vistas a uma determinada velocidade; carros, ônibus, motocicletas andam rápido. Precisamos logo aprender a fazer nossas imagens, pois essa é uma forma de *conversar* com o mundo, de estar nele.

Nunca se fez tantos vídeos e tantas fotografias como nos últimos tempos, e isto reflete nos hábitos e costumes da sociedade. Afinal:

As narrativas do mundo, em película ou meio eletrônico, passaram a compor um ‘mundo-representação-de-mundo’ que, em estética, política e magia, concorrem para a construção de uma nova realidade. Assim, ler o mundo hoje é também ler imagens que estão no mundo e imagens do mundo que estão nas telas. Da mesma forma, a nossa vida está impregnada de palavras. (COUTINHO, 2006, p. 68).

A Educação *online* acontece neste aspecto de um “mundo-representação-de-mundo” como aponta Coutinho (2006), até porque as relações se estabelecem por meio de telas de computadores, *tablets*, *notebooks* e aparelhos de celular interligados na *Internet*.

Na Educação *online*, o vídeo didático, disponível em repositório virtual de acesso aos alunos e professores, pode, algumas vezes, ser manipulado e resignificado, acrescentando outras informações disponíveis em outros espaços virtuais (*internet*) numa relação de nós, onde o começo e o fim se confundem numa intrincada rede de saberes. Nesse caso, Mattar (2013, p. 30) afirma que:

O aprendizado não é mais um processo que está inteiramente sob controle do indivíduo, uma atividade interna, individualista: está também fora de nós, em outras pessoas, em uma organização ou em um banco de dados, e essas conexões externas, que potencializam o que podemos aprender, são mais importantes que nosso estado atual de conhecimento.

O nosso estado atual de conhecimento nos permite ir além das conquistas até hoje realizadas, propor novos questionamentos com embasamentos científicos pertinentes às necessidades de nossa época e avançar em novas descobertas.

## **6 VÍDEOS E VÍDEOS DIDÁTICOS: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS PELO MUNDO**

O *Youtube*, o maior repositório digital e virtual de vídeos do mundo, congrega em seu universo vídeos de todas as naturezas, inclusive os didáticos realizados por pessoas comuns e profissionais que os disponibilizam na *internet*. O maior exemplo de sucesso de vídeo ocorrido com a intenção didática ocorreu a princípio de forma despretensiosa, que são os vídeos produzidos pela *Kahn Academy*. O matemático Salman Kahn<sup>5</sup> começou utilizar o bate papo e uma ferramenta que ele mesmo criou para ensinar uma prima que morava em outro estado dos Estados Unidos e, depois, começou produzir e postar videoaulas de matemática no *Youtube* com o propósito de ajudá-la, porém, outras pessoas descobriram esses vídeos e começaram a se utilizar dessas videoaulas.

O sucesso em número de acesso a esses vídeos foi tanto que acabou se transformando em uma instituição, a *Kahn Academy*, que hoje oferece ensino de matemática em várias línguas. Essa ideia de compartilhamento de vídeos pode ser mais bem explorada pela Educação *online*, ao priorizar em seu planejamento a preocupação com a interatividade no processo educacional.

Em recente matéria publicada no *site* G1, com o título “No dia do Professor, *youtubers* ensinam como gravar videoaulas”, a jornalista Ana Carolina Morena (2015), começa assim o seu texto:

Um número cada vez maior de professores brasileiros está trocando o giz e o apagador por uma câmera e um computador, mesmo que durante algumas

---

<sup>5</sup> A Khan Academy tem esse nome justamente por conta de seu criador: Salman Khan. Formado em matemática e mestre em engenharia elétrica e ciência da computação, estudou em uma das mais renomadas universidades do mundo, o Massachusetts Institute of Technology (MIT). Era um grande analista do mercado financeiro, mas resolveu abandonar essa carreira após perceber que ensinar era sua verdadeira paixão. Disponível em: <<http://www.fundacaoemann.org.br/khan-academy/>>.

horas da semana. Fenômeno crescente na educação, as videoaulas têm uma demanda de público cada vez maior, principalmente na época do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). E levado docentes a darem aula olhando para uma lente, em vez de uma sala repleta de estudantes.

Nessa matéria jornalística publicada especialmente no Dia do Professor mostra o quanto as TDIC estão aí para ampliar a capacidade de recepção, produção, visualização e socialização de vídeos didáticos, para mais pessoas interessadas. Vejamos o depoimento de um dos professores que aparece na reportagem:

Foi meio sem querer. Eu estava num momento profissionalmente ruim com aulas presenciais, e aí eu tinha decidido que eu ia parar de aula, simplesmente mudar de profissão. Antes de desistir de ser professor eu resolvi gravar as aulas que eu dava presencialmente na forma de vídeo, e jogar isso na *internet*. Como isso acabou sendo um sucesso, eu acabei desistindo do plano inicial de desistir de dar aulas, de trabalhar com educação (depoimento do Prof. Paulo Jubilut, UFSC, de 35 anos). (MORENA, 2015).

Assim, como o professor Paulo Jubilut (UFSC), muitos outros aderiram a essa modalidade de ensino-aprendizagem, tanto que o próprio *Youtube* viu nessas videoaulas produzidas em todo mundo, uma janela de oportunidade para organizá-las em um canal, *YouTubeEDU*. Nessa mesma matéria jornalística, a jornalista traz os seguintes dados:

No Brasil, o *YouTube* já conta com centenas de canais voltados à educação, e decidiu criar, em setembro de 2013, um programa para estimular a produção de videoaulas. Batizado de *YouTube EDU*, o programa já abriga 154 canais, número quase seis vezes maior que o inicial. No total, os canais somam mais de 10 milhões de inscritos e os vídeos já foram vistos 888 milhões de vezes, segundo, Lucas Machado Rocha, coordenador de projetos da Fundação Lemann, parceira do *YouTube* no projeto. (MORENA, 2015).

O próprio canal repositório e de difusão de vídeos, *Youtube*, tem demonstrado a potencialidade que os vídeos didáticos têm em oferecer informação que pode ser transformada em conhecimento por meio da mediação do professor ou/e dos alunos no contexto educacional.

Nesse sentido, atentar a esse tipo de produção de informação pode ser uma prerrogativa da Educação *online* na era da cibercultura, em que professores e alunos podem, a partir dos vídeos, construir diferentes práticas pedagógicas com condições de refletir, atuar e se apropriar das tecnologias disponíveis de maneira crítica, participativa e interativa.

## 7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Entendemos que os vídeos podem ser desenvolvidos por professores e alunos, com apoio de profissionais do audiovisual, com infraestrutura de um laboratório de produção ou utilizando equipamentos próprios.

Essa combinação de produção de vídeo profissional com amadora demonstra as possibilidades de uma ação pedagógica mais interativa e ágil, tirando o aluno da passividade de apenas assistir ao vídeo e demonstrar o conhecimento adquirido por meio de provas descritivas.

O vídeo digital, por sua própria natureza, oferece as possibilidades de intervenções na sua narrativa por meio de cortes, supressão de cenas, adição de novas cenas, inserção ou retirada de trilha sonora, inserção de legendas, de imagens, de gráficos, de videográficos, de locução em off. Enfim, é possível com essas intervenções, alterar, ampliar e reduzir a proposta inicial de forma colaborativa. Essa sua plasticidade pode ser uma das propostas de interação realizada pelo aluno ou pelo professor.

Hoje, com o avanço das tecnologias digitais e sua popularização, é possível executar as tarefas para o desenvolvimento de um vídeo sem muita dificuldade. Basta observarmos a popularidade dos aparelhos de celular com aplicativos de captura de vídeo, de imagem de som e de edição, e que estão sendo muito utilizados no dia a dia por uma grande parte da população, principalmente os mais jovens.

Com tais possibilidades, pensamos que a Educação *online* poderia ter mais plasticidade e maior conexão a um projeto pedagógico que levasse em conta as potencialidades da cibercultura. Nesse sentido, as ações pedagógicas não estariam circunscritas a um emissor (professor na sede) para polos individuais que reportariam unicamente a fonte geradora da informação. Nessa nova possibilidade, haveria troca de informação, cooperação e colaboração também entre os polos com o professor emissor da mensagem (ação pedagógica).

Podemos inferir que a Educação *online* que temos hoje pode dar outros passos à frente e aproveitar melhor das potencialidades das TDIC. A descentralização do processo está no cerne da cibercultura e constitui a diferença dos modelos anteriores de comunicação unidirecional.

Os desafios da Educação *online* no contexto atual pressupõem avaliar as potencialidades das TDIC disponíveis e, dessa forma, trabalhar a formação de

professores para que reflitam, decodifiquem e apropriem-se das TDIC no contexto educacional.

O ciberespaço onde ocorre e se desenvolve a Educação *online* exige dos educadores, segundo Moraes (2002), novas metodologias com a utilização dos ambientes interativos em suas potencialidades num processo de descobertas individuais e coletivas. Para Silva (2006), o professor deveria ser um construtor de redes, e não de rotas.

Ao tratar da importância do vídeo didático para a Educação *online*, o artigo discute a educação *online*, formação de professores, cibercultura, linguagens e aprendizagem relacionados ao vídeo didático. Há exemplos de algumas experiências vivenciadas no contexto educacional por meio dos vídeos e suas potencialidades interativas. Entendemos que o vídeo didático, principalmente na educação *online*, pode ser potencializador de um trabalho docente compartilhado, colaborativo e dialógico, em que o aluno pode atuar como autor e protagonista de sua própria aprendizagem, somado ao papel mediador do professor. Parece-nos uma proposta em que há espaço para problematizar, discutir, criticar e somar experiências e vivências trazidas por cada participante do/no processo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Incorporação da tecnologia de informação na escola: vencendo desafios, articulando saberes, tecendo a rede. In: MORAES, Maria Cândida (Org.). *Educação a distância: fundamentos e práticas*. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 2002.

AMARAL, Sérgio Ferreira do; BARROS, Daniela Melaré Vieira. *Estilos de aprendizagem no contexto educativo de uso das Tecnologias Digitais Interativas*. [s.d.]. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/813099/mod\\_resource/content/1/Leitura%20Estilos%20de%20Aprendizagem.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/813099/mod_resource/content/1/Leitura%20Estilos%20de%20Aprendizagem.pdf)>. Acesso em: 29 jul. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (ABED). 2015. Disponível em: <[http://abed.org.br/arquivos/Censo\\_EAD\\_2015\\_POR.pdf](http://abed.org.br/arquivos/Censo_EAD_2015_POR.pdf)>. Acesso em: 29 jul. 2015.

BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologia e educação: trabalho e formação docente. *Educação & Sociedade*, Campinas, SP, v. 25, n. 89, p. 1181-201, set./dez. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302004000400006&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302004000400006&script=sci_abstract)>.

COUTINHO, Laura Maria. *Audiovisuais: arte, técnica e linguagem*. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

CRUZ, Dulce Márcia. A produção audiovisual na virtualização do ensino superior: subsídios para a formação docente. *Educação Temática Digital*, v. 8, n. 2, p. 23-44, jun. 2007.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Qual o lugar dos materiais visuais na pesquisa em educação? *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 31, n. 01, p. 69-91, jan./mar. 2015.

FERRÉS, Joan. La competencia mediática y emocional de los jóvenes. *Revista de Estudios de la Juventud*, n. 101, p. 89-101, jun. 2013.

FERRÉS, Joan. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. In: SANCHO, J. María (Org.). *Para uma tecnologia educacional*. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GOMES, Luiz Fernando. Vídeos didáticos: uma proposta de critérios para análise. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 89, n. 223, p. 477-92, set./dez. 2008.

KENSKI, Vani Moreira. Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais. In: BARRETO, Raquel Goulart (Org.). *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

JACQUINOT-DELAUNAY, Geneviève. *Imagem e pedagogia*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, 2006.

LOPES, Maria Cristina Lima Paniago. Formação tecnológica do professor em uma sociedade digital: desafios e perspectivas. *Revista Polifonia*, Cuiabá, MT, v. 15, n. 17, p. 165-74, 2009. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1015/792>>. Acesso em: 6 nov. 2011.

MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: Edusp, 1993.

MATTAR, João. Aprendizagem em ambientes virtuais: teorias, conectivismo e MOOCs. *Revista Teccogs*, São Paulo, n. 7, p. 21-40, jan./jun. 2013.

MOORE, Michael; KEARSLEY Greg. *Educação a distância: uma visão integrada*. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

MORAES, Maria Candida (Org.). *Educação a distância: fundamentos e práticas*. São Paulo: Unicamp/Nied, 2002.

MORENA, Ana Carolina. *No dia do professor, youtubers ensinam como gravar videoaulas*. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/10/no-dia-do-professor-youtubers-ensinam-como-gravar-videoaulas.html>>. Acesso em: 16 out. 2015.

SILVA, Adelina Maria Pereira. *Processos de ensino-aprendizagem na era digital*. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-adelina-processos-ensino-aprendizagem.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

SILVA, Marco. Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para a docência online. *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, São Paulo, n. 3, p. 36-51, jan./jun. 2010.

\_\_\_\_\_. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

\_\_\_\_\_. Um convite à interatividade e à complexidade: novas perspectivas comunicacionais para a sala de aula. In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende (Org.). *Educação e cultura: pensando em cidadania*. Rio de Janeiro: Quartet, 1999. p. 135-67.

\_\_\_\_\_. Que é interatividade. *Boletim Técnico do Senac*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2 maio/ago. 1998.

### **Sobre os autores:**

**Joaquim Sérgio Borgato:** Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **E-mail:** jsborgato@gmail.com

**Maria Cristina Lima Paniago:** Doutora em Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem pela PUC-SP. Professora no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco. **E-mail:** cristina@ucdb.br

**Recebido em julho de 2017**

**Aprovado em dezembro de 2017**

